

## Etnicidade e “excelência escolar” – cabo-verdianos e indianos na AML

*Teresa Seabra<sup>1</sup> e Sandra Mateus<sup>2</sup>*

O presente texto pretende problematizar alguns dos dados recolhidos e produzidos no contexto de uma investigação em curso, intitulada “Condições e processos de integração ou exclusão dos descendentes de imigrantes na escola: o caso dos Caboverdianos e Indianos em Portugal”.<sup>3</sup> Procedeu-se, numa primeira fase, à localização da presença dos alunos descendentes de imigrantes<sup>4</sup> no território nacional e ao reconhecimento das taxas de diplomação atingidas, através da informação estatística nacional disponível.<sup>5</sup> Numa segunda fase, aplicou-se um inquérito por questionário junto de 826 alunos residentes na Área Metropolitana de Lisboa (AML), do 2º ciclo do ensino básico, compreendendo um total de 211 alunos oriundos da Índia e Cabo Verde. São estes os dados a partir dos quais se analisarão as relações entre um conjunto de condições sociais e escolares específicas e os resultados escolares contrastantes obtidos por estes dois grupos de migrantes.<sup>6</sup>

Através da informação estatística disponível, foi possível sabermos que entre 94/95 a 97/98 houve um ligeiro aumento da presença relativa dos alunos oriundos de países estrangeiros (os próprios ou os seus progenitores), de 3.8 % para 4.7% da população escolar dos ensinos básico e secundário, correspondendo a um aumento de 7760 alunos com este perfil (quadro 1).

**Quadro 1** Alunos descendentes de imigrantes no ensino básico e no secundário face ao total da população escolar

| Ano lectivo      |   | 94/95   | 95/96   | 96/97   | 97/98   |
|------------------|---|---------|---------|---------|---------|
| Matriculados IMI | n | 53215   | 59282   | 58913   | 60975   |
|                  | % | 3.8     | 4.4     | 4.5     | 4.7     |
| Total de alunos  |   | 1403075 | 1333189 | 1318415 | 1288617 |

Fonte: Base de dados Entreculturas/ME

Temos um país com fortes assimetrias no grau de atracção das populações imigradas: nos distritos do “centro” (Lisboa e Setúbal) concentram-se 61% destes alunos e temos cerca de 10% dos alunos que são imigrantes ou descendentes de imigrantes nas escolas dos ensinos básico e secundário, enquanto nos distritos do interior alentejano (Évora e Beja) estes alunos representam apenas 1% da população escolar. Fazendo a análise a nível concelhio, destaca-se, com bastante evidência, a concentração nos correspondentes à AML: Lisboa, Loures, Sintra, Amadora, Oeiras, Cascais, Vila Franca de Xira, Seixal, Almada, Moita e Setúbal.

Se discriminarmos os países de origem destes alunos encontramos sempre um predomínio da fixação no distrito de Lisboa (no caso dos provenientes dos PALOP, da Índia-Paquistão<sup>7</sup> e de Timor corresponde a mais de metade dos imigrantes destes países), com excepção do caso dos alunos oriundos dos países da União Europeia que, ainda mais do que em Lisboa, se fixam no distrito de Faro.

<sup>1</sup> Assistente do Departamento de Sociologia do ISCTE

<sup>2</sup> Investigadora do CIES/ISCTE

<sup>3</sup> Projecto trianual financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia, integrado no programa Sapiens (38835/SOC/2001).

<sup>4</sup> Nesta designação incluímos também os alunos que são imigrantes.

<sup>5</sup> Recolhida pelo Entreculturas/Ministério da Educação, diz respeito às escolas públicas e compreende os anos lectivos que decorreram entre 1992/93 e 1997/98.

<sup>6</sup> Apresenta-se, apenas, o tratamento preliminar de uma pequena parte da informação recolhida.

<sup>7</sup> Nos dados recolhidos pelo Ministério da Educação estas origens não se distinguem.

Em termos de resultados escolares, constata-se que os alunos imigrantes ou descendentes dos imigrantes dos PALOP, têm os piores resultados, com especial incidência para os que são originários de Cabo Verde. Em contrapartida, os oriundos dos restantes países obtêm, na grande maioria dos casos, melhores resultados escolares que os dos alunos "lusos"<sup>8</sup>. Realça-se, ainda, o facto dos alunos oriundos da Índia e Paquistão ou de Moçambique<sup>9</sup> obterem nos primeiros ciclos de escolaridade resultados bastante favoráveis, sendo mesmo acima das taxas de diplomação obtidas pelos alunos "lusos" (quadro 2)<sup>10</sup>.

**Quadro 2** Taxa de diplomação segundo o nível de escolaridade, dos alunos descendentes de imigrantes e "lusos", no ano lectivo de 1997/98

| Nível de escolaridade<br>País de origem | 1º ciclo |      | 2º ciclo |       | 3º ciclo |       | Secundário |       |
|---|----------|------|----------|-------|----------|-------|------------|-------|
|   | n        | %    | N        | %     | n        | %     | n          | %     |
| Cabo Verde                              | 1664     | 78,9 | 1047     | 72,1  | 566      | 78,6  | 108        | 62,0  |
| Guiné                                   | 357      | 84,6 | 215      | 84,2  | 149      | 78,5  | 71         | 52,1  |
| S. Tomé                                 | 217      | 81,1 | 169      | 83,4  | 113      | 79,7  | 32         | 68,8  |
| Angola                                  | 1339     | 87,9 | 1033     | 85,2  | 847      | 79,3  | 463        | 55,1  |
| Moçambique                              | 279      | 91,4 | 311      | 86,2  | 307      | 82,4  | 237        | 65,4  |
| Índia/Paq.                              | 131      | 94,7 | 83       | 89,2  | 62       | 83,9  | 26         | 65,4  |
| Macau                                   | 22       | 90,9 | 18       | 100,0 | 16       | 100,0 | 6          | 66,7  |
| Timor                                   | 36       | 94,4 | 27       | 88,9  | 24       | 83,3  | 5          | 100,0 |
| Brasil                                  | 241      | 91,3 | 257      | 88,7  | 305      | 89,5  | 192        | 61,5  |
| EU                                      | 625      | 87,2 | 723      | 86,3  | 764      | 86,1  | 579        | 66,3  |
| Outras origens estrang.                 | 748      | 89,6 | 750      | 89,9  | 627      | 86,3  | 380        | 56,8  |
| "Lusos"                                 | 108749   | 88,0 | 102874   | 88,6  | 99726    | 86,6  | 76739      | 66,0  |

Fonte: Base de dados Entreculturas/ME

## Interrogações acerca dos contrastes escolares

Os dados expostos evidenciam um contraste nos resultados escolares entre alunos de origem caboverdiana e os de origem indiana, o que alimenta a interrogação sobre o papel dos contrastes culturais entre a população imigrada e a do país de acolhimento nas dificuldades de integração e êxito escolares. Como sustenta Machado (2002), a etnicidade não pode definir-se unicamente por relação com as continuidades ou contrastes de ordem cultural mas deve também considerar as continuidades e os contrastes de ordem social. Tendo a população oriunda de Cabo Verde contrastes culturais menores do que a de origem indiana, que efeitos produzirão, nestes casos, os contrastes e/ou as continuidades sociais? Que condições sociais específicas vivem as famílias oriundas de Cabo Verde em Portugal e que processos sociais e escolares os remetem para esta sistemática situação de exclusão escolar? E, inversamente, como explicar e compreender a situação de supremacia dos alunos com ascendência indiana? A integração escolar e social destes últimos significará que a dimensão cultural da etnicidade assume menor relevância face à dimensão social da mesma? Ou serão justamente as especificidades culturais dos indianos que favorecem esta integração? Como é vivida a escolaridade pelos descendentes da população imigrada e suas famílias? Que importância assumirão os preconceitos da população do país de acolhimento (em especial os dos docentes, funcionários e colegas) nos resultados escolares tão díspares? E esta diferença de resultados será também observável se mantivermos constantes outras variáveis como a classe social ou a escolaridade dos progenitores?

A resposta, mesmo que parcial, a estas questões impõe um levantamento, o mais completo possível da experiência familiar e escolar dos alunos, considerando as variáveis mais estritamente

<sup>8</sup> Designação de carácter difuso utilizada pelo Entreculturas/Ministério da Educação.

<sup>9</sup> Sabemos que entre os oriundos de Moçambique se encontram famílias de origem indiana que começaram por se deslocar para esse país (Ávila e Alves, 1993), pelo que à partida considerámos os dois grupos apresentados.

<sup>10</sup> Os resultados para o ano lectivo de 97/98 ilustram as tendências que se mantiveram ao longo dos anos lectivos considerados na informação nacional disponível.

relacionadas com as condições sociais das famílias, suas práticas e expectativas em relação à escolaridade, a experiência escolar dos alunos bem como a sua rede de sociabilidades.

Sabemos desde os anos sessenta, a partir de relevantes pesquisas realizadas na Europa e nos Estados Unidos, que existem desigualdades sociais no acesso e sucesso escolares. Actualmente, o estudo das condições de (in)sucesso escolares tem vindo a ser complementado, por um lado, com o alargamento das variáveis de diferenciação social que são consideradas (contexto residencial, o género e a etnia) e, por outro, pelo conhecimento dos processos de (ex)inclusão vividos pelos alunos durante a sua experiência escolar (Bourdieu, 1992; Dubet e Didier, 1992; Enguita, 1996; Liegeois, 1997; Montandon, 1997).

O conhecimento produzido em Portugal no tocante à problemática das minorias étnicas na escola, em teses recentes de doutoramento e de mestrado, aponta para a relevância da condição de classe das famílias imigradas nas estratégias educativas que desenvolvem e nos resultados escolares das crianças (Seabra, 1994); a existência de representações negativas dos alunos de origem africana nos professores do 1º ciclo do Ensino Básico (Cardoso, 1997); o desenvolvimento de um *biculturalismo* nas crianças de origem cigana (Casa-Nova, 1999) e o papel da escola no reforço do processo de etnicização da exclusão social (Sousa, 2000). Nada sabemos sobre os resultados escolares dos alunos pertencentes às minorias étnicas, *considerando as diferentes condições sociais das suas famílias* - o único estudo extensivo que recolheu alguma informação relativa a estes aspectos (Tavares, 1998) não apurou o cruzamento destas variáveis. De facto, a estatística nacional no estudo dos resultados escolares tem considerado estas variáveis separadamente: os dados recolhidos pelo Gabinete de Estudos e Planeamento do Ministério da Educação durante a década de oitenta apenas consideraram as habilitações literárias e a profissão dos pais<sup>11</sup> e o Entreculturas recolheu a informação relativa à filiação étnica, sem identificar a profissão nem a escolaridade dos pais.

No desenvolvimento da estratégia de investigação desta pesquisa foi aplicado um questionário que permite isolar as variáveis mais estritamente relacionadas com os contrastes sociais e culturais, presentes na experiência escolar e familiar dos alunos e, nessa medida, possibilita um conhecimento aprofundado da problemática em causa.

### Delimitação da população em estudo

A quase totalidade dos alunos do ensino básico com origem indiana ou caboverdiana concentra-se nos distritos de Lisboa e Setúbal: 92% dos primeiros 91% dos segundos (quadro 3).

**Quadro 3** N.º de alunos matriculados, de origem caboverdiana e indiana, no ensino básico, no distrito de Lisboa e Setúbal, no ano lectivo 1997/98

| Distrito        | Lisboa | Setúbal | Total nacional |
|-----------------|--------|---------|----------------|
| Cabo Verde      | 7917   | 2530    | 11470          |
| Moçambique      | 1653   | 659     | 3031           |
| Índia/Paquistão | 844    | 116     | 1043           |
| Total IMI       | 23185  | 8354    | 49143          |

Fonte: Base de dados Entreculturas/ME

A aplicação do inquérito por questionário realizou-se nos concelhos destes distritos que reuniam simultaneamente mais alunos de ambos os grupos, como é o caso de Lisboa e Loures (quadro 4). Foram alvo os alunos a frequentar o 2º ciclo de escolaridade<sup>12</sup> e, por se significativamente menor o

<sup>11</sup> Lamentavelmente esta vasta informação recolhida nas escolas relativa a cada aluno nunca foi publicada, à excepção do ano lectivo de 98/99 para os alunos do 1º ciclo do Ensino Básico.

<sup>12</sup> Presidiu a selecção deste nível de ensino a articulação entre várias preocupações: excluir do universo o mínimo de alunos (apenas os que não se inscreveram no 2º ciclo), potenciar a existência de uma diversidade de trajectórias escolares e, ainda, o pragmatismo na aplicação do questionário.

contingente dos alunos com origem indiana, tornou-se necessário, antes de tudo, localizar as escolas onde era maior a probabilidade de os encontrar.

**Quadro 4** Concelhos de maior concentração de alunos de origem caboverdiana e indiana, no ensino básico, no ano lectivo de 1997/98

| País de origem | Cabo Verde | Moçambique | Índia/Paq. |
|----------------|------------|------------|------------|
| Almada         | 668        | 77         | 39         |
| Moita          | 452        | 99         | 10         |
| Seixal         | 603        | 210        | 32         |
| Setúbal        | 376        | 80         | 8          |
| Cascais        | 525        | 221        | 28         |
| Lisboa         | 1379       | 296        | 360        |
| Loures         | 1273       | 393        | 317        |
| Oeiras         | 1406       | 107        | 20         |
| Sintra         | 827        | 296        | 50         |
| V. Franca Xira | 359        | 96         | 18         |
| Amadora        | 2099       | 189        | 46         |

Fonte: Base de dados Entreculturas/ME

Foram seleccionadas 8 escolas destes concelhos e algumas das suas turmas, as que contemplavam um maior contingente de alunos do universo em estudo, fazendo variar, no entanto, a intensidade de “miscigenação” das turmas<sup>13</sup>, como indicador (indirecto) da diversidade de condição social das famílias. Reunimos respostas de 104 alunos com ascendência indiana e 107 com origem caboverdiana.<sup>14</sup>

### Etnicidade e excelência escolar

Esta primeira exploração da informação recolhida, que agora vos apresentamos, selecciona uma pequena parte dos indicadores disponíveis e procura identificar alguma eventual explicação para a contrastante “excelência escolar”<sup>15</sup> destes dois grupos de alunos descendentes de imigrantes.

Os inquiridos têm na grande maioria entre 11 e 13 anos (80%), estando os alunos do 5º ano e os do sexo masculino ligeiramente sobrerrepresentados. A maioria dos alunos (58%) já experimentou pelo menos uma reprovação durante o seu percurso escolar (quadro 5).

<sup>13</sup> Importa esclarecer que foi realizado previamente um levantamento da genealogia dos alunos (do país de nascimento dos seus ascendentes) em todas as turmas do 5º e 6º anos das escolas seleccionadas.

<sup>14</sup> No texto serão trabalhados apenas os dados recolhidos sobre os grupos em estudo, não sendo considerados os restantes 615 alunos inquiridos. A definição da ascendência teve por base o país de nascimento dos bisavós, avós, pais e do próprio aluno. No caso dos alunos de ascendência caboverdiana, seleccionaram-se aqueles onde ou o próprio aluno, ou pelo menos um dos pais ou avós, eram oriundos de Cabo Verde (70 dos 107 alunos caboverdianos inquiridos nasceram em Portugal). No caso dos alunos de ascendência indiana, contemplaram-se aqueles onde ou o próprio aluno, ou pelo menos um dos pais, avós ou bisavós, nasceram na Índia ou em Moçambique (neste último caso, apenas quando existissem outros indicadores que remetesse para a *indianidade*). Dos 104 alunos indianos inquiridos, 94 nasceram em Portugal.

<sup>15</sup> Provisoriamente considerámos como indicador de excelência escolar apenas o número de reprovações obtidas ao longo da escolaridade. O conceito será aprofundado e problematizado no futuro.

**Quadro 5** Variáveis de caracterização dos alunos entrevistados

| Variáveis           |            | Ascendência indiana |      | Ascendência caboverdiana |      |
|---------------------|------------|---------------------|------|--------------------------|------|
|                     |            | N                   | %    | N                        | %    |
| Ano                 | 5º ano     | 59                  | 56,7 | 52                       | 48,6 |
|                     | 6º ano     | 45                  | 43,3 | 55                       | 51,4 |
|                     | Total      | 104                 | 100  | 107                      | 100  |
| Sexo                | Feminino   | 47                  | 45,2 | 52                       | 48,6 |
|                     | Masculino  | 57                  | 54,8 | 55                       | 51,4 |
|                     | Total      | 104                 | 100  | 107                      | 100  |
| Idade               | 10         | 1                   | 1,0  | 0                        | 0,0  |
|                     | 11         | 40                  | 39,2 | 21                       | 20,2 |
|                     | 12         | 41                  | 40,2 | 31                       | 29,8 |
|                     | 13         | 13                  | 12,7 | 22                       | 21,2 |
|                     | 14 ou mais | 7                   | 6,9  | 30                       | 28,8 |
|                     | Total      | 102                 | 100  | 104                      | 100  |
| N.º. de reprovações | 0          | 75                  | 72,1 | 45                       | 42,1 |
|                     | 1          | 19                  | 18,3 | 36                       | 33,6 |
|                     | 2          | 7                   | 6,7  | 20                       | 18,7 |
|                     | 3          | 2                   | 1,9  | 6                        | 5,6  |
|                     | 4          | 1                   | 1,0  | 0                        | 0,0  |
|                     | Total      | 104                 | 100  | 107                      | 100  |

Estão inseridos em famílias com diferentes níveis de escolaridade (varia entre a inexistência de qualquer grau de ensino completo e o curso universitário), diferentes condições de classe (apesar do predomínio dos empregados executantes, dos operários e dos trabalhadores independentes) e diferentes credos religiosos (católicos, hindus e muçulmanos) (quadro 6).

**Quadro 6** Síntese das variáveis de caracterização socioeconómicas e culturais

| Variáveis                        | Ascendência Indiana |      | Ascendência Caboverdiana |      | Total |      |
|----------------------------------|---------------------|------|--------------------------|------|-------|------|
|                                  | N                   | %    | N                        | %    | N     | %    |
|                                  | Escolaridade da mãe |      |                          |      |       |      |
| Sem grau de ensino completo      | 10                  | 11,8 | 19                       | 23,5 | 29    | 17,5 |
| Ensino básico - 1º ciclo         | 36                  | 42,4 | 28                       | 34,6 | 64    | 38,6 |
| Ensino básico - 2º ciclo         | 16                  | 18,8 | 9                        | 11,1 | 25    | 15,1 |
| Ensino básico - 3º ciclo         | 12                  | 14,1 | 15                       | 18,5 | 27    | 16,3 |
| Ensino secundário                | 8                   | 9,4  | 6                        | 7,4  | 14    | 8,4  |
| Ensino superior                  | 3                   | 3,5  | 4                        | 4,9  | 7     | 4,2  |
| Total                            | 85                  | 100  | 81                       | 100  | 166   | 100  |
| Escolaridade do pai              |                     |      |                          |      |       |      |
| Sem grau de ensino completo      | 4                   | 4,9  | 11                       | 15,5 | 15    | 9,9  |
| Ensino básico - 1º ciclo         | 22                  | 27,2 | 27                       | 38,0 | 49    | 32,2 |
| Ensino básico - 2º ciclo         | 14                  | 17,3 | 10                       | 14,1 | 24    | 15,8 |
| Ensino básico - 3º ciclo         | 23                  | 28,4 | 6                        | 8,5  | 29    | 19,1 |
| Ensino secundário                | 16                  | 19,8 | 5                        | 7,0  | 21    | 13,8 |
| Ensino superior                  | 2                   | 2,5  | 12                       | 16,9 | 14    | 9,2  |
| Total                            | 81                  | 100  | 71                       | 100  | 152   | 100  |
| Classe social do grupo doméstico |                     |      |                          |      |       |      |
| EDL                              | 13                  | 13,1 | 9                        | 9,0  | 22    | 11,1 |
| PTE                              | 6                   | 6,1  | 8                        | 8,0  | 14    | 7,0  |
| TI                               | 27                  | 27,3 | 3                        | 3,0  | 30    | 15,1 |
| Tipl                             | 9                   | 9,1  | 3                        | 3,0  | 12    | 6,0  |
| EE                               | 19                  | 19,2 | 25                       | 25,0 | 44    | 22,1 |
| O                                | 14                  | 14,1 | 12                       | 12,0 | 26    | 13,1 |
| AA                               | 0                   | 0,0  | 1                        | 1,0  | 1     | 0,5  |
| AEpl                             | 11                  | 11,1 | 39                       | 39,0 | 50    | 25,1 |
| Total                            | 99                  | 100  | 100                      | 100  | 199   | 100  |
| Língua falada em casa            |                     |      |                          |      |       |      |
| Só fala português                | 20                  | 19,2 | 48                       | 45,3 | 68    | 32,4 |
| Bilingue                         | 59                  | 56,7 | 38                       | 35,8 | 97    | 46,2 |
| Não fala português               | 25                  | 24,0 | 20                       | 18,9 | 45    | 21,4 |
| Total                            | 104                 | 100  | 106                      | 100  | 210   | 100  |
| Religião                         |                     |      |                          |      |       |      |
| Católica                         | 6                   | 5,8  | 67                       | 62,6 | 73    | 34,6 |
| Hindu                            | 71                  | 68,3 | 0                        | 0,0  | 71    | 33,6 |
| Muçulmana                        | 13                  | 12,5 | 0                        | 0,0  | 13    | 6,2  |
| Outras                           | 1                   | 1,0  | 6                        | 5,6  | 7     | 3,3  |
| Não tem religião                 | 3                   | 2,9  | 16                       | 15,0 | 19    | 9,0  |
| Não sabe/Não responde            | 10                  | 9,6  | 18                       | 16,8 | 28    | 13,3 |
| Total                            | 104                 | 100  | 107                      | 100  | 211   | 100  |

**Legenda:** EDL – Empresários, Dirigentes e Profissionais Liberais; PTE – Profissionais Técnicos e de Enquadramento; TI – Trabalhadores independentes; TIpl – Trabalhadores Independentes Pluriactivos; AI – Agricultores Independentes; AIpl – Agricultores Independentes Pluriactivos; EE – Empregados Executantes; O – Operários; AA – Assalariados Agrícolas; AEpl – Assalariados Executantes Pluriactivos.<sup>16</sup>

<sup>16</sup> Para a definição de classe foi utilizada a matriz de construção do indicador socioprofissional de classe proposta por António Firmino da Costa (1999).

Uma primeira leitura transversal das variáveis socioeconómicas permite constatar a existência de mais sucesso escolar nos alunos com ascendência indiana, de mães com níveis de escolaridade próximos (em ambos os casos só cerca de 22% completaram mais do que o 6º ano de escolaridade)<sup>17</sup> mas com escolaridade mais elevada no caso dos pais dos alunos com origem indiana (39% destes completaram mais do que o 6º ano, contra 22% dos de origem caboverdiana), condições de classe do grupo doméstico em condições próximas, com claro predomínio dos Trabalhadores Independentes (TI) no caso dos familiares “indianos” e dos Assalariados Executantes Pluriactivos (AEPl) no caso dos “caboverdianos”.

Relacionando o número de reprovações obtidas na trajectória escolar dos alunos<sup>18</sup> com um conjunto de variáveis de caracterização, podemos observar algumas tendências. Impunha-se indagar se a discrepância nos resultados se mantinha ou não, ao controlarmos algumas variáveis de ordem estrutural como o género do aluno, ou outras relacionadas com as famílias em que se inserem, como a escolaridade dos pais, a classe social do grupo doméstico, o domínio da língua portuguesa ao nível da leitura e da escrita e a(s) língua(s) falada(s) em casa.

## Género

No conjunto dos alunos, as raparigas têm mais sucesso escolar do que os rapazes (mais 10% nunca reprovaram, no caso das alunas), sendo a sua supremacia apenas muito ligeira se considerarmos os alunos com ascendência indiana e, em contrapartida, a diferença acentua-se no caso dos alunos descendentes de caboverdianos. No caso destes últimos, podemos constatar que os resultados dos rapazes são significativamente piores que os das raparigas, em especial na repetência múltipla (quadro 7).

**Quadro 7** N.º de reprovações segundo a ascendência e o género

| Sexo      | Ascendência  | N.º de Reprovações |      |    |      |        |      | Total |     |
|-----------|--------------|--------------------|------|----|------|--------|------|-------|-----|
|           |              | 0                  |      | 1  |      | 2 ou + |      | N     | %   |
|           |              | N                  | %    | N  | %    | N      | %    |       |     |
| Feminino  | Indiana      | 35                 | 74,5 | 8  | 17,0 | 4      | 8,5  | 47    | 100 |
|           | Caboverdiana | 31                 | 59,6 | 14 | 26,9 | 7      | 13,5 | 52    | 100 |
| Masculino | Indiana      | 42                 | 73,7 | 9  | 15,8 | 6      | 10,5 | 57    | 100 |
|           | Caboverdiana | 21                 | 38,2 | 19 | 34,5 | 15     | 27,3 | 55    | 100 |

## Escolaridade dos pais

Como é observável no quadro 8, a uma maior escolaridade dos pais correspondeu um maior sucesso escolar<sup>19</sup>, numa clara vantagem dos alunos cujos progenitores são mais escolarizados: a probabilidade de estes realizarem um percurso escolar sem reprovações aumenta em cerca de 30%.

<sup>17</sup> Importa salientar que se trata de dados fornecidos pelos alunos no momento do preenchimento do questionário e que, por este meio, não foi possível conhecer a escolaridade da mãe em 21% dos casos e 28% no caso do pai.

<sup>18</sup> A análise da informação foi realizada depois de se proceder a um ajustamento das trajectórias escolares, de modo a simular para todos os alunos, o mesmo tempo de permanência no sistema de ensino, isto é, evitando a “penalização” dos que reprovaram pela primeira vez no final do 6º ano de escolaridade.

<sup>19</sup> Considerado aqui a inexistência de reprovações ao longo da trajectória escolar.

**Quadro 8** N.º de reprovações segundo o nível de escolaridade dos pais

| Nível de escolaridade dos pais     |   | N.º de reprovações |      |        | Total |
|------------------------------------|---|--------------------|------|--------|-------|
|                                    |   | 0                  | 1    | 2 ou + |       |
| Pai e mãe possuem até ao 2º ciclo  | N | 40                 | 21   | 14     | 75    |
|                                    | % | 53,3               | 28,0 | 18,7   | 100   |
| Pai e mãe possuem 3º ciclo ou mais | N | 28                 | 6    | 0      | 34    |
|                                    | % | 82,4               | 17,6 | 0,0    | 100   |

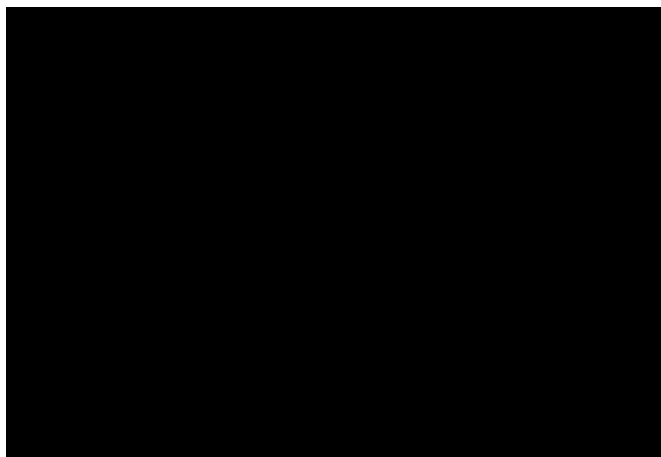
Comparando os dois grupos de alunos em estudo, constata-se que para o mesmo nível de escolaridade da mãe, do pai ou de ambos os alunos descendentes de caboverdianos têm sempre menor êxito escolar, isto é, permanecem em vantagem os alunos descendentes de indianos. O acréscimo de escolaridade da mãe traz maiores benefícios aos alunos oriundos da Índia (corresponde a um aumento de 30% na percentagem de alunos que obtêm o máximo de sucesso escolar/um aumento de 16% para os alunos de origem caboverdiana), invertendo-se a situação no caso da escolaridade do pai: a um aumento de 10% na taxa de maior sucesso do primeiro grupo de alunos contrapõe-se um aumento de 28% no caso do segundo (quadro 9).

**Quadro 9** N.º de reprovações segundo o nível de escolaridade do pai e da mãe

|          | Nível esc.       | Ascendência  | N.º de Reprovações |      |        | Total |
|----------|------------------|--------------|--------------------|------|--------|-------|
|          |                  |              | 0                  | 1    | 2 ou + |       |
| Esc. Mãe | Até ao 2º ciclo  | Indiana      | 66,1               | 21   | 12,9   | 100   |
|          |                  | Caboverdiana | 48,2               | 28,6 | 23,2   | 100   |
|          | 3º ciclo ou mais | Indiana      | 95,7               | 4,3  | 0      | 100   |
|          |                  | Caboverdiana | 64                 | 28   | 8      | 100   |
| Esc. Pai | Até ao 2º ciclo  | Indiana      | 67,5               | 22,5 | 10     | 100   |
|          |                  | Caboverdiana | 45,8               | 29,2 | 25     | 100   |
|          | 3º ciclo ou mais | Indiana      | 78                 | 12,2 | 9,8    | 100   |
|          |                  | Caboverdiana | 73,9               | 26,1 | 0      | 100   |

Se distinguirmos, como está presente no gráfico 1, os alunos cujos pais completaram ambos o 6º ano de escolaridade dos que não o fizeram verificamos que o aumento da escolaridade dos progenitores beneficia mais os alunos de origem indiana: em comparação com as taxas de sucesso obtidas quando os pais não ultrapassaram o 2º ciclo, mais 33% de alunos com o máximo sucesso contra o aumento de 24% no caso dos de origem caboverdiana.

**Gráfico 1** N.º de reprovações segundo o nível de escolaridade dos pais, por ascendência (%)





## Classe social do grupo doméstico

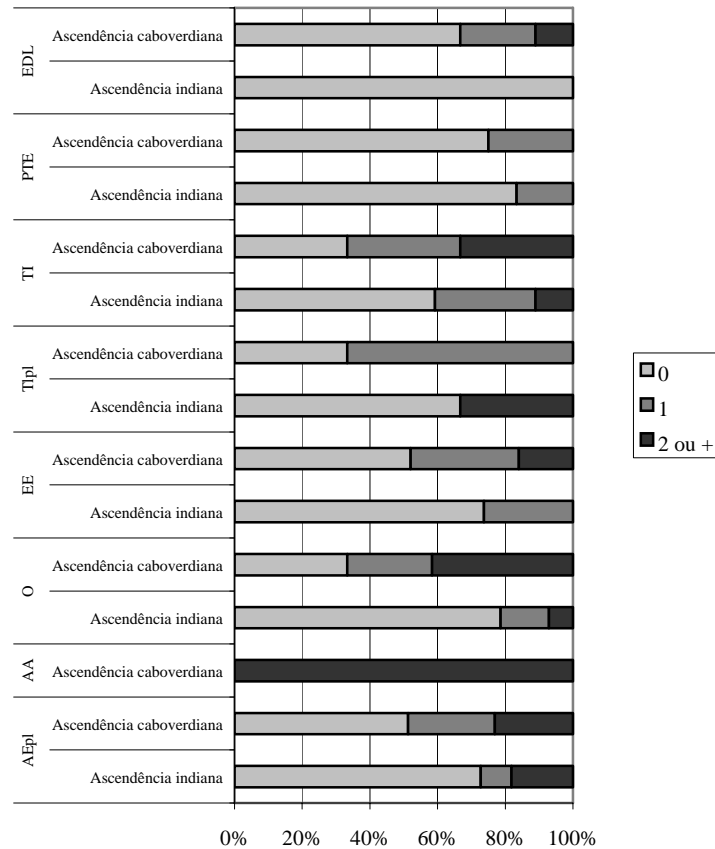
Corroborando os resultados obtidos em todas as pesquisas realizadas, a condição de classe das famílias afecta os resultados e a progressão escolares obtidos pela sua descendência: são tanto melhores quanto mais alto se situa a família na escala social. Neste caso, ao considerarmos a trajectória escolar podemos constatar que os alunos inseridos em famílias de Empresários, Dirigentes e profissionais Liberais (EDL) e dos Profissionais Técnicos e de Enquadramento (PTE) experimentaram menos a reprovação: enquanto que para estes alunos a probabilidade de nunca reprovarem varia entre 79% e 86%, para os descendentes dos restantes grupos essa probabilidade varia entre 56% e os 61% (quadro 10).

**Quadro 10** N.º de reprovações segundo a classe social do grupo familiar

| Classe Social | Nº de Reprovações |      |    |      |        |       | Total |     |
|---------------|-------------------|------|----|------|--------|-------|-------|-----|
|               | 0                 |      | 1  |      | 2 ou + |       | N     | %   |
|               | N                 | %    | N  | %    | N      | %     |       |     |
| EDL           | 19                | 86,4 | 2  | 9,1  | 1      | 4,5   | 22    | 100 |
| PTE           | 11                | 78,6 | 3  | 21,4 | 0      | 0,0   | 14    | 100 |
| TI            | 17                | 56,7 | 9  | 30,0 | 4      | 13,3  | 30    | 100 |
| Tipl          | 7                 | 58,3 | 2  | 16,7 | 3      | 25,0  | 12    | 100 |
| EE            | 27                | 61,4 | 13 | 29,5 | 4      | 9,1   | 44    | 100 |
| O             | 15                | 57,7 | 5  | 19,2 | 6      | 23,1  | 26    | 100 |
| AA            | 0                 | 0,0  | 0  | 0,0  | 1      | 100,0 | 1     | 100 |
| AEpl          | 28                | 56,0 | 11 | 22,0 | 11     | 22,0  | 50    | 100 |

Se confrontarmos, agora, a trajectória escolar de descendentes de indianos e de caboverdianos dentro da mesma classe social (gráfico 2), verificamos que os resultados são, em todos os casos, mais benéficos para os primeiros (é sempre maior a percentagem dos que nunca reprovarem e menor a dos que já tiveram uma ou duas e mais reprovações). Podemos, tendo por base estes dados, conjecturar que outras variáveis diferentes da classe social afectam a disparidade da “excelência” escolar dos grupos em estudo.

**Gráfico 2** N.º de reprovações segundo a classe social do grupo familiar, por ascendência (%)



### Língua(s) falada(s) em casa

Em relação à(s) língua(s) falada(s) em casa constatamos que um número expressivo de alunos é bilingue (46% do total de inquiridos), e apenas 21% não fala português em casa, grupo onde sobressaem os alunos de origem indiana, justamente os que apresentam menor número de reprovações.

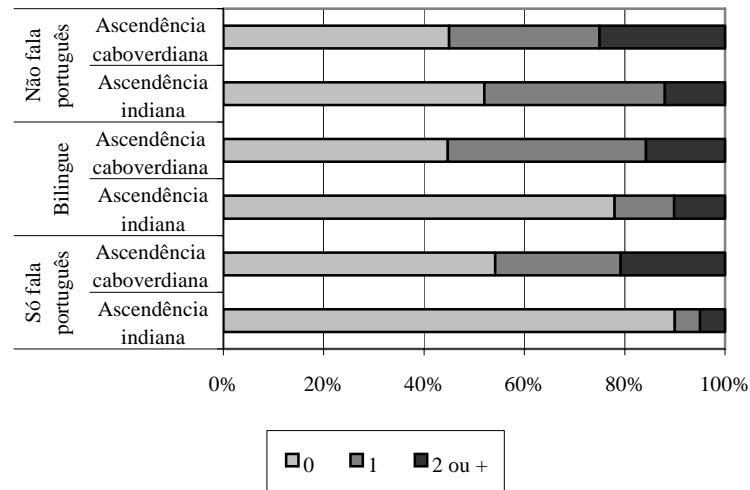
**Quadro 11** N.º de reprovações segundo a(s) língua(s) falada(s) pelo aluno

| Língua falada em casa | N.º de reprovações |      |    |      |        |      | Total |     |
|-----------------------|--------------------|------|----|------|--------|------|-------|-----|
|                       | 0                  |      | 1  |      | 2 ou + |      | N     | %   |
|                       | N                  | %    | N  | %    | N      | %    |       |     |
| Só fala português     | 44                 | 64,7 | 13 | 19,1 | 11     | 16,2 | 68    | 100 |
| Bilingue              | 63                 | 64,9 | 22 | 22,7 | 12     | 12,4 | 97    | 100 |
| Não fala português    | 22                 | 48,9 | 15 | 33,3 | 8      | 17,8 | 45    | 100 |

A análise da “excelência escolar” segundo esta variável fornece-nos importantes indicações sobre o papel do uso da língua portuguesa em contexto familiar, aspecto a que muitas vezes professores e comunidade em geral aludem como factor de grande relevo na explicação dos melhores resultados escolares. No universo em estudo, não se encontra fundamento para essa eventual relação: a trajectória escolar sem reprovações é obtida tanto pelos que são bilingues (falam o português e outra

língua de origem<sup>20</sup>) como pelos que só falam o português em casa: em ambos os casos acontece a 65% dos alunos. No entanto, o seu *não uso* parece ter relação com a obtenção de piores resultados escolares (a probabilidade de não reprovarem passa de 65 para 49%), penalizando, desta vez de forma aproximada, tanto os descendentes de imigrantes caboverdianos como os de indianos (gráfico 3).

**Gráfico 3** N.º de reprovações segundo a língua falada em casa, por ascendência (%)



É curioso constatar que nos alunos com maior “excelência escolar”, no nosso caso os descendentes de indianos, há mais casos em que o português não é falado em casa: 24% contra 19% para os descendentes caboverdianos. Nas mesmas condições de uso oral da língua portuguesa em contexto familiar, os caboverdianos têm sempre maior insucesso escolar. Podemos, tendo por base estes dados, conjecturar que outras variáveis diferentes do uso doméstico da língua portuguesa afectam a disparidade da “excelência” escolar dos grupos em estudo.

### Domínio do português escrito por parte dos pais

Pode assinalar-se uma vantagem global para os alunos cujos pais têm um bom domínio da leitura e da escrita em língua portuguesa: 69.8% destes nunca reprovaram e tal aconteceu apenas a 52.4 dos alunos cujos pais não terão esse domínio (quadro 12).

**Quadro 12** N.º de reprovações segundo o domínio da língua por parte dos pais

| Domínio da língua por parte dos pais | N.º de reprovações |      |    |      |        |      | Total |     |
|--------------------------------------|--------------------|------|----|------|--------|------|-------|-----|
|                                      | 0                  |      | 1  |      | 2 ou + |      | N     | %   |
|                                      | N                  | %    | N  | %    | N      | %    |       |     |
| Lêem e escrevem bem português        | 74                 | 69,8 | 21 | 19,8 | 11     | 10,4 | 106   | 100 |
| Outras situações <sup>21</sup>       | 55                 | 52,4 | 29 | 27,6 | 21     | 20,0 | 105   | 100 |

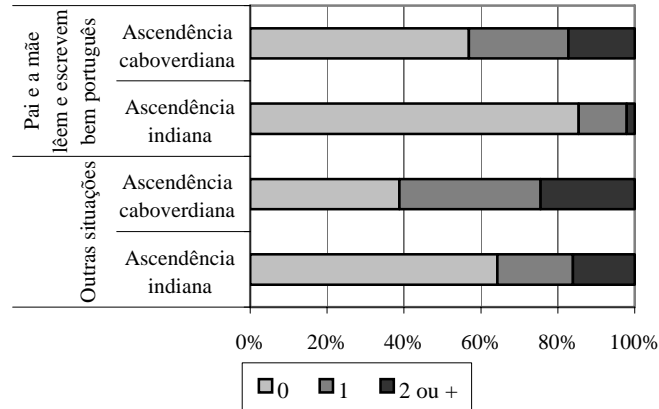
Para as mesmas condições de domínio do português escrito, os alunos caboverdianos têm sempre piores resultados escolares (gráfico 4), o que permite supor que outras variáveis diferentes do domínio da leitura e da escrita da língua portuguesa afectam a disparidade da “excelência” escolar dos

<sup>20</sup> As famílias de origem caboverdiana falam predominantemente o crioulo e as de origem indiana falam o gujarati.

<sup>21</sup> Nesta categoria encontram-se as situações em que um dos progenitores, ou ambos, têm um domínio insuficiente da língua portuguesa escrita.

grupos em estudo. Importa destacar que, neste caso, há mais progenitores caboverdianos a dominarem a língua portuguesa escrita: 55.2% contra 45.3% dos indianos.

**Gráfico 4** N.º de reprovações segundo o domínio da língua portuguesa por parte dos pais, por ascendência (%)



## Questões finais

Não tendo, nesta primeira exploração, sido detectada explicação para a disparidade de resultados a partir das variáveis estruturais consideradas (mantendo-as constantes, as diferenças na “excelência escolar” persistiram) vê-se reforçado o interesse em prosseguir no tratamento da informação a que o questionário permite aceder. Face aos dados observados, que se pretenderam equacionar numa lógica problematizadora mas ainda muito exploratória, são várias as questões que emergem:

- por um lado, as relacionadas com a avaliação da relevância que outras condições estruturais possam assumir, como os percursos migratórios familiares, o investimento da família na escolaridade ou as sociabilidades mais ou menos intensas que as crianças desenvolvem com pares da sociedade de acolhimento;

- por outro, o conhecimento da experiência escolar dos alunos pode ser reveladora de processos de maior ou menor discriminação, de relações diferenciadas com os saberes, os objectos, os espaços e as pessoas, em suma, dos modos de viver a escola e do(s) sentido(s) que pode assumir nos alunos descendentes das populações imigradas.

E se confrontarmos os dados reunidos quanto aos dois grupos em estudo – descendentes de indianos e cabo-verdianos – com aqueles respeitantes à restante população escolar autóctone? Poder-se-á falar de uma *forma específica de escolaridade* dos alunos descendentes de imigrantes? Será distinta a “excelência escolar” destes alunos? Em que aspectos ou dimensões?

A ampla compreensão da diversidade de processos e de condições que favorecem a integração escolar dos descendentes de imigrantes só será possível depois de a análise ser aprofundada com o apoio do discurso de membros das famílias em estudo, de modo a apreendermos, nomeadamente, a diversidade de estratégias de integração na sociedade portuguesa destas populações imigradas – o que está previsto realizar-se, numa segunda fase da investigação.

## Referências bibliográficas

- ÁVILA, Patrícia e Mariana ALVES (1993), “Da Índia a Portugal”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, 13, 115-133.
- BOURDIEU, Pierre (1992), “Les exclus de l’interieur”, *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, 91/92.

- CARDOSO, Carlos M. N. (1997), *The Schooling of African-origin Children in Portugal: analysis of primary school teachers' views*, Thesis of PhD in Philosophy in Education, University of London.
- CASA-NOVA, Maria José (1999), *Etnicidade, Género e escolaridade*, Mestrado em Ciências da Educação, Universidade do Porto.
- COSTA, António Firmino da (1999), *Sociedade de Bairro: dinâmicas sociais da identidade cultural*, Oeiras, Celta Editora.
- DUBET, François e L. DIDIER (1992), *Les Quartiers d'exil*, Paris, Ed. du Seuil.
- ENGUITA, M. (1996), *Escuela y Etnicidad : el caso del povo gitano*, Madrid, Centro de Investigación y Documentación Educativa.
- Entreculturas (1993 a 1999), *Base de Dados – Entreculturas* (vol. I a IX), Lisboa, Entreculturas/ME.
- LIEGEOIS, J.P. (1997), *Minorité et Scolarité: le parcours tsigane*, Paris, Interface.
- MACHADO, Fernando Luís (2002), *Contrastes e Continuidades: migração, etnicidade e integração dos guineenses em Portugal*, Oeiras, Editora Celta.
- MONTANDON, C. (1997), *L' Education du Point deVvue des Enfants*, Paris, l'Harmattan.
- SEABRA, Teresa (1994), *Estratégias Familiares de Educação das Crianças – etnicidade e classes sociais* (Tese de Mestrado), Lisboa, ISCTE.
- SOUSA, Joana Campos (2000), *Vivência da Multiculturalidade numa Escola Urbana: representações sociais dos alunos – um estudo etnográfico*, Tese de Mestrado em Ciências da Educação, Universidade Católica Portuguesa.
- TAVARES, M. Viegas (1998), *O Insucesso Escolar e as Minorias Étnicas em Portugal – Uma abordagem antropológica da educação*, Lisboa, Ed. Piaget.